


Uma Flor Chamada Desejo: Brasil e o poder na Língua Portuguesa

*Marcelo Calderari Miguel**

Poeta nas terras capixabas, administrador, bibliotecário e docente na rede Estadual de Cursos Técnicos - atua com projetos de Educação Financeira e Educação Patrimonial.

 <https://orcid.org/0000-0002-7876-9392>

Recebido: 26 ago. 2020. **Aprovado:** 08 dez. 2020.

Como citar este texto:

MIGUEL, Calderari Marcelo. Uma Flor Chamada Desejo: Brasil e o poder na Língua Portuguesa. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 9, n. 4, p. 378-382, dez. 2020.

1 A Última Flor do Lácio pelo Mundo

Corruptos e corruptores do passado, do presente e, fatalmente, do vindouro.

Ponham suas barbas de molho, ponham-nas de molho, mesmo as mulheres sem barba.

A pátria Brasil caminha a galope ligeiro, ordeiro, vanguardeiro, alvissareiro e justiceiro.

Montada numa verdadeira e necessária democracia do povo, pelo povo e para o povo!

Para terminar, em bom e claro português apenas digo:

Isso, com exclamações, sem qualquer reticência para o futuro.

Companheiros, camaradas e comparsas – a cambada essa que acha que são – vamos lá!

E isso dá o que falar, não é um determinismo, pois o poder na língua portuguesa chama-se desejo.

*

 daymoura24@yahoo.com.br



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v9i4.1920>

2 Laços Patriais e a Desejada Lusofonia?

Vejo o Sabiá-laranjeira pousado em um Ipê-amarelo.

Num tronco resistente, levemente tortuoso, canta forte e assustada a tênue avezinha.

Mas que raro e singelo ver esse monumental e pátrio dueto!

Aquele que muito reza – é o que designa – o cordial vozear do sabiá.

O pé de ipê explana ideal firmeza – cascuda árvore nomeia que é.

Nos versos de Olavo Bilac ouço a língua portuguesa – tal poeta expressar uma singela lira.

Num ramo resistente, levemente aponta a última filhas do latim verdadeiramente absorvente.

Mas que insueto e bucólico ver esse monumental espetáculo de esplendor e sepultura!

Que aviva o rude e dolente dialeto – e muito o menciona o conclamar Veloso de Caetano.

Esta é a românica ou neolatina linguagem – nomeia por afinco a instância lusitana e colonizada.

A razão de viver é reconhecer patriais laços, nesse contexto se deseja a generosidade.

Sem generosidade não há comunidade, o prazer é colaborar e vencer a jornada na saudade.

A Chama Desejo torga sem um rumo tomar; protesta assim a última flor do Lácio pelo mundo.

Haja fonoaudiologia educacional; ansiamo-nos redes lançar e alguma dádiva demonstrar.

A força motriz é aprendizado e corrente, expressão de duzentos e dez milhões por esses brasis.

3 Macunaíma, Brasil! Pia e Pião, Pardos são os Gatos Todas as Noites

Todas as noites penso:
Minha cor parda é sem dor?
Qual cor, que etnia me pertence?
A raça muitas vezes não é simplificador rotular.
Queria ter um laser certo para genética exata lhe informar.
Cientistas podem dizer ser subjetivo classificar, e outros nem isso dizem.
Logo pronunciar que está claro e evidente o visual tem o poder; hereditiza-se!
Na face, cara nua e dura do ser... Ato é certo e faceiro! A pele alimenta ou caracteriza?
A expressão do Moreno, da doce canela e jambo ressalta os genótipos que definem o ser?
Muitas são crenças, vasta as memórias, a raiz de uma adversa acuidade e salutar degradê.
Fenótipos e genótipos de Michael de certa forma modificado? Hum... Jackson faz debate.
A estética inova o mito musical; a história da medicina pouco se atreve a polêmicas.
E a cinematográfica arte diz filosófica questão: à flor da pele é a pele que habito!
Até a ciência modifica a identidade, no funil a mestiçagem e a subjetividade:
muda a cor da pele, afina traços, seleciona genes na artificial índole.
Dor, rupturas e continuidades na formação plástica brasileira.
Geolocalizador e encontros e da boa reforma psiquiátrica.
Inquietações muitas e vastas em sapatilhas de balé.
Entre albinos, recessivos e dominantes eixos.
Somos todos iguais e diferentes seres.
A justiça é balança torta talvez.
Venda no olhar demonstra.
E uma mixar turbidez.
Imparcialidade fato!
Da mestiçagem.
Ser pardo é
Dilema
Brasil!

4 Poder na Língua: Ser ou Situar uma Lusófona Flor Inculta?

Ser a flor da lusofonia é ser descendente e ascendente, é pautar rumos à multidão.
É uma bandeira, um mutirão, um de espaço de memória e apelo que a espelha a língua.
É ser forte, enfrentar dificuldades, sonhar com o seu lugar de fortuna, bem-estar e paixão.
É também situa um orgulhoso Ser que por vezes se envergonha de um colonizado passado.

Lusofonia é uma comunidade de povos e nação que se espalhou pelos sete descobertos mares.
Da pátria ufanista e amada de Brasil, Angola, Moçambique, Guiné Equatorial, Macau e Portugal.
À terras como Timor-Leste, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe já o reafirmam.
O português em Goa também está; o Concani toma legado e ciência dessa portuguesa língua.

A comunidade de mais de duzentos e quarenta milhões de pessoas segue planetária.
Uma materna língua compartilhada por dez países, unidos por um passado comum e híbrido.
E há especial comemoração, o quinto dia de maio é pura dedicação a essa cultural identidade.
Nisso Nossa Senhora da Conceição abençoa o idioma que faz nossa nação personalidade.

O português é o oitavo idioma mais falado no mundo, eis uma indescritível sensação.
A Conexão Lusófona expressa algo incomparável, uma colonização portuguesa é fato!
Também situa a histórica luta; território que se arrisca a mudar e glórias vivenciar.
O resistir se faz retentivo, histórico e calidoscópico; mister temor e saudade – mix de cafunés.

5 Ikigai dos Sentidos: Embarque dos Lusófonos Países

Passa se anos e mais séculos... Tantos paradoxos na Ibéria.
Há uma plausível medicação sobre uma língua pendular e plural.
O berço materno mostra vocábulos em um angular plano, quase real.
No fundo a fundo, nenhuma pessoa pode meu reviver o sonho de meu patuá.
Isso faz a roda girar, creio que isso é um trem particular! Todos buscam a interação alcançar.

Imagine o empreendimento do linguajar, avoca um planejado tempero de fito e rito sazonal.
Em sua esteira rotura vocábulos estratégicos, táticos e operacionais – enigmática teia forma.
Adentra um rol de missão, visão e valores de nossas peripécias, sátiras e aventuras vastas.
Se assemelha ao que a própria biografia respeita – circula regras, exceções e reformas natas.
Assim o dialeto materno tende a virar, uma belo Oasis ou metáfora no situar de veleidades.

E as coisas marcham para o que se alvitrou – a empreendedora convivência e o equilíbrio.
Às vezes tal incubação deslancha a vida; linguajar atroz faz um refrigério tenaz!
Situa um drapeado figurativo, patrimonial e artístico de indumentária arte.
Capaz de dobrar verbais ou não verbais códigos com inerência vivaz.
Nisso a interconexão faz tecido, na oitava epopeia do mundo.